

ORIGEM

7203

DA

FIDELIDADE
PORTUGUEZA.



LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.

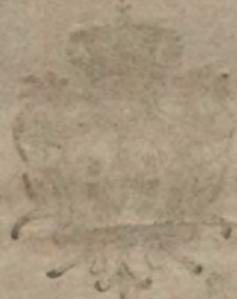
1811.

Com licença.

414
ORIGEM

FEDERAL

PORTUGAL



LISBOA

MA. IMPRESSÃO REGIA.

1811

Com. de Imp.

O R I G E M
D A
F I D E L I D A D E
P O R T U G U E Z A .

Sem revolver as paginas da antiga historia , eu podia apresentar-vos lindos quadros , onde a Fidelidade Portugueza nada perdesse daquella energia , e grandeza com que até hoje se tem feito admirar por todas as Nações. No mesmo presente seculo eu vos podia mostrar exemplos tão convincentes como veridicos ; porém eu escrevo da sua origem , eu devo profundar a antiguidade para melhor vos dar a conhecer a justiça dos meus argumentos.

Os Povos que hoje habitão Portugal , e que , não sem motivo , gozão a preeminencia de se appellidarem Fidelissimos , e que com tanta honra tem sustentado este caracter , são os descendentes dos antigos Povos da Lusitania. Se a idéa volve ás remotas épocas , desde então eu principio a admirar a Fidelidade Portugueza , ou a Fidelidade Lusitana , causa de admiração no Universo ! Os Romanos , esses antigos poderosos da Europa , que á força de armas derão leis a todo o mundo , que por seculos nunca desconhecêrão a victoria , que no

Oriente, e não Occidente virão os mesmos Monarcas prostrados a seus pés, quanto não prezavão elles os Lusitanos! Os Lusitanos erão espalhados por todas as Cohortes, não porque o seu espirito revolucionario o exigisse, mas porque o seu firme character devia servir aos mais de modelo.

Roma tendo hum sem número de Cohortes, sem receio aceitava a seu soldo os Lusitanos.

Esta povoação era até aqui pouco conhecida; porém depois o foi extraordinariamente quando desenvolveo o seu character.

Os Romanos não só formavão suas Cohortes dos Povos que dominavão, como também assalariavão muitos outros a quem distinguão em paga, quanto elles se differencavão em accões.

Tanta justiça fazem neste caso todos os Escriptores da historia antiga, que os mesmos Francezes historiadores o não negão. Pelo contrario acontecia aos Francezes, ou aos antigos habitantes da Gallia. Seu character sempre voluvel, ainda que militar, pouco constante, e revolucionario, era origem de que fossem tidos sempre por inimigos. Era tal o odio que os Romanos haviam concebido contra alguns Povos da Gallia, que da Ilha Corsega não tiravão escravos, sómente pelo conhecimento que tinhão de serem faltos de character, revolucionarios, assassinos, e só prespicazes para o mal.

Tudo pela ordem dos tempos sente alteração. O Imperio formidavel, o grande Imperio Romano quasi não cabendo em seus limites, depois de elevado á sua maior grandeza, seguiu-se-lhe a época do seu abatimento. As guerras púnicas, as guerras civis, e depois a emulação o dilacerarão.

Os Povos da Lusitania vendo que os Romanos quezião dominar o seu Paiz, abandonarão o seu serviço; e tomando as armas, defendêrão com valor, e energia a sua independencia. Então desapparecêrão os assombros da antiguidade, hum Sertorio, hum Viriatio, e outros muitos Capitães. Plebeo, illustre, qual-

quer que fosse a classe do Cidadão, observava por primeiro dever a honra, e a Fidelidade.

Prova-se tanto que a Fidelidade Lusitana era extremamente observada, que sendo os Romanos afeiçoados á compra de Generaes, nunca poderão obter que hum Lusitano fosse venavel, o que muitas vezes aconteceu a outros Povos muito mais poderosos.

Se não houvesse entre elles huma grande união, e extrema Fidelidade, poderião elles resistir contra os Romanos no tempo em que elles estavam dominando a todo o mundo? Não foi na Lusitania que os Romanos principiáráo a sentir resistencia contra as suas armas? Os Lusitanos juntos com os Carthaginezes, não entráráo em Roma a ferro, e fogo? Não subiráo até ao Capitolio, commandados por Annibal? Não foi este valoroso General quem primeiro á frente das mesmas tropas atravessou os inacessiveis Alpes?

Os Lusitanos seguirão sempre o Estandarte da independencia, e a Fidelidade era a sua devisea; seu caracter sempre firme, valoroso, e incorruptivel.

Mudou-se inteiramente a face das cousas; porém a Lusitania, e seus Povos existirão firmes sempre em seu caracter. A mesma grandeza do Imperio Romano foi origem da sua desmembração, e esta originou até a extincção do seu nome, e da sua mesma grandeza.

Seguiu-se a triste época em que os Barbaros do Oriente inundaráo a Europa.

Tudo se reduzio á primitiva. A Capital do Imperio Romano, a mãe das artes, das sciencias, do bom gosto, da grandeza, e da magnificencia, tudo que era industria, tudo foi confundido!...

Se até alli gemia o mundo affogado em sangue, depois seguio-se ao mundo mais triste sorte. Se os Romanos pertendião o dominio geral do Universo, os Sarracenos, os Vandalos, os Suevos só procuravão exercer sua barbaridade, destruir a Europa, e lançar os ferros aos infelizes Povos, que havião sido arrastrados pela impetuosa torrente. Só adoptada a Lei,

que o despotismo ordena, só praticada a rapina, a violação, exercidos com toda a brutalidade os mais enormes crimes, eis a face que a Europa havia tomado. A guerra incendiada de novo entre os mesmos Povos barbaros mais ainda devastavão o Paiz. O homem estava reduzido a viver como as feras, sempre entre matos, alimentando-se deervas, coberto de pelles, sem outra alguma compostura, ou arranjo.

Os campos, que até alli se divisavão verdejando, vião-se estereis; as searas, que n'outro tempo se achavão povoadas, estavão reduzidas a campinas áridas. Alvos casezinhos que matizavão as florestas, tinhão tomado a côr da noite, sem aninho, sem arranjo, tudo estava informe; parecia que a mesma natureza se havia esquecido das suas obrigações; já não parecia a mãi carinhosa repartindo de seu seio seus abundantes fructos. As arvores parecião assustadas, não rebentavão viçosas como d'antes, não gozavão a frescura da primavera, nem tão pouco offertavão os pomos saborosos. As flores sobre o melindroso pé perdião a tôr. As cristalinas aguas das formosissimas ribeiras, pallidas parecião querer sumir-se no centro da terra. O pastor havia perdido o seu exercicio: a esterilidade havia consumido os rebanhos, e se algum ainda existia, quando até alli pacíficos pastavão nas campinas, então só parecião esqueletos, que acossados da fome de hum a outro lado vagavão sem achar asilo, até que a morte os consumisse. As Povoações desertas, as Cidades incendiadas, tudo era barbarismo. Oh terror! A penna na convulsa mão quer parar quando recordo a Europa em tal estado; porém outra scena mais cruel, mais atroz, mais penetrante... Sim, eu me parece que vejo esses barbaros disputarem-se a posse do que lhe não pertence. Elles maquinão o modo de destruir-se mutuamente, elles empenhão toda a sua ferocidade: e que observo!... Treme de susto a natureza, e o fragil racional succumbe, se encara a scena.

Os barbaros investem, porém encontrão grande re-

sistencia, seu poder, seu número, sua ferocidade he enorme. Quer o habitante punir pelos seus deveres, quer defender a Patria, a honra, a vida, a esposa, os filhos; porém infeliz, o furor o arrebatá, e a Patria, a honra, a vida, a esposa, e os filhos, todos são sacrificados. A barbaridade dos invasores não se limita á posse da Europa, estende-se á mais inaudita, e atroz conducta. O Sanctuario he profanado, os falsos idolos são adorados, e tudo que he crueldade he exercida.

O alfange sempre erguido não perdoa nem ao Cidadão honrado, nem ao ancião caduco; o innocente, a donzella, a viuva, o soldado, o paizano, ah! a todos se estende a barbaridade desses montanhezes, nada a Europa em sangue, tudo existe confundido, e só reina a barbaridade, e a força!... Ah! que medonho espectáculo!... De hum lado eu vejo em chammas huma Cidade opulenta, de outro abaterem-se magnificos edificios, sumptuosos Palacios; eu vejo o campo juncado de cadaveres, que horror!... De hum lado o carrancudo combatente traspasado de mortaes feridas, parece quer beber o sangue em que se revolve. Outro debruços (ainda que já morto) nunca perde a marcial arrogancia. O esposo moribundo eu vejo de outro lado, ora querendo acudir ás feridas, ora em vão procurando ainda defender sua consorte. O honrado ancião cercado de inimigos eu vejo querer resgatar das mãos dos barbaros a innocente filha. Do outro lado agudo punhal eu vejo cravar no melindroso seio da donzella... Ah! basta já de horror! Infeliz Europa, os barbaros querem destruir-te.

Affastai-vos, tristes lembranças, fugi da minha idéa, e recordemos quanto a Fidelidade Lusitana se elevou, se augmentou, e se propagou mesmo nesta época.

Em silencio os Lusitanos sentião a desgraça, mas preparavão o prêmio a seus motorés. Elles como formavão hum pequeno número, foi-lhe necessario em seu auxilio chamar os Povos da antiga Hisperia, e huns, e outros de mãos dadas principiárão a sacudir o jugo de ferro.

Os Suevos, e Vandalos tiveram então grandes perdas, foram derrotados em muitas batalhas, e finalmente foram lançados fóra, e obrigados a encerrar-se nos seus curtos, e agrestes Paizes.

Outra época de infelicidades se seguiu a esta, e parte da Europa foi dominada pelos Mouros.

Quasi todo o Portugal, ou a antiga Lusitania gemia debaixo do seu dominio barbaro.

Raiou então para os Lusitanos hum dia de prazer, elles poderão, ainda que poucos, juntar-se, armar-se, e jurarem Fidelidade ao Conde D. Henrique, cujo successor o Senhor Rei D. Affonso conheceo bem até onde se elevava a Fidelidade Lusitana.

Feito o juramento, o Senhor D. Affonso Henriques combateo, e derrotou os Mouros em Campo d'Orique, sendo tão desproporcional o número, que os Lusitanos erão dez vezes menor em seu número.

Os Mouros foram successivamente largando, ou evacuando Portugal; e o nosso Rei foi immediatamente estabelecendo saudaveis Leis para felicidade da Monarquia, e de seus Vassallos.

Formárão-se então Cortes, e prestou-se solemne juramento ao Augusto Monarca.

Este juramento foi tão restrictamente observado, como nós veremos na serie de acontecimentos fataes, que tem servido de prova da mesma Fidelidade.

Continuárão as conquistas aos Mouros pelos Lusitanos, porque ainda que na maior parte havião sido expulsos de todo o Reino, com tudo se conservárão ainda em algumas Cidades, e Villas, cujas conquistas lhes custárão muitos milhares de homens, e aonde os Lusitanos tantas provas derão da sua Fidelidade, e patriotismo. Santarém, Leiria, e mesmo Lisboa foram as ultimas posições dos Mouros.

A tomada do Castello desta Capital quantos centenaes de homens não custou de parte a parte?

Seguirão-se os successores legitimos do Senhor Rei D. Affonso I., em cujos reinados mais ou menos sem-

pre continuarão as guerras com os Mouros, até que por fim forão de todo extinctos.

Não se abre hum tomo da Historia de Portugal, aonde se não veja evidentemente que extremos de Fidelidade praticarão.

No Reinado do Senhor Rei D. Manoel, que provas queremos maiores do que dêrão então os Portuguezes da sua Fidelidade? Narrar as particularidades acontecidas, seria encher paginas sem número de factos heroicos dignos de admiração!

Neste feliz Reinado eu vejo não só alongarem-se os limites da Monarquia, como sahirem pela barra do Têjo poderosas Esquadras.

A industria, as artes, as sciencias, a agricultura, tudo florece; e porque, o pergunto eu? Porque o Senhor Rei D. Manoel conhecendo o espirito de Fidelidade nacional, quiz-se aproveitar delle para engrandecer a mesma Nação, e para a fazer respeitar dos outros Povos do Universo. Hum Exercito regular sustentava a integridade nacional; e suas Esquadras, protegendo a navegação, fazião florecer o Commercio, propagar a industria, etc.

Se recordo a época em que o Illustre Vasco da Gama descobriu a Ásia, em toda esta historia só observe huma multiplicidade de honrosos factos, e de Fidelidade decidida.

Este valente Capitão arrostando os bravos elementos, pôde vencer o Cabo da Boa-Esperança, e chegar a Goa. Que heroe!... Tantos tormentos, tantos trabalhos... Porém tantos trabalhos, e tantos tormentos, que são senão exemplos de extraordinaria Fidelidade? Vasco da Gama não he conquistador vil, e ambicioso, que procura primeiro os seus interesses, elle quer preferir a todos os interesses da sua Patria, e do seu Rei; elle só quer vencer para o seu Monarca, e só quer ganhar para enobrecer a sua Nação. Vasco da Gama não se chama Rei de Goa pela conquistar: Vasco da Gama depois de conquistar Goa, obriga a reconhecerem

por seu Monarca os Asiaticos Povos ao legitimo Soberano.

E deixará de ser isto hum testemunho eterno da maior Fidelidade? ... Entrará em dúbida hum facto patente a todo o Universo?

Não só em Goa, em Madrast, em Bengala, em Bombaim, em toda a Asia a victoria corria a par da bandeira Lusitana, e a Fidelidade estabelecia naquella parte do mundo desconhecido, magnificos estabelecimentos, e proveitosos dominios para cada dia poder augmentar-se, e florecer a Navegação, e Commercio de Portugal.

O grande Cabral, o insigne descobridor da America Portugueza, não faz outro tanto? O Rio de Janeiro, o Pará, o Maranhão, não he descoberto este novo Mundo? não he conquistado em nome não de Pedro Alves Cabral, mas sim em nome de seu Augusto Monarca?

Que novos mananciaes de riquezas se reúnem ás riquezas de Portugal. Aquelle Paiz singular, que em suas entranhas cria o melhor de todos os metaes, he este o ponto descoberto. Este vasto Paiz, que tudo offerece ainda ao falto de industria, parece que desde então gozava de toda a sua grandeza, magnificencia, e esplendor para servir de asilo ao melhor de todos os Principes, ao nosso amado Soberano, o nosso Principe Regente.

Que he o que eu vejo senão huma maravilha da Fidelidade? Hum Reino territorialmente limitado alcançarem seus Povos dominar na Asia, na America, e na África!... Só por effeito de grande Fidelidade aos seus Soberanos. Na Asia vai preparar Vasco da Gama aos seus Soberanos os prazeres, e as delicias; na America, Cabral lhe prepara a prata, o ouro, e a mesma independencia!...

Este Paiz extensissimo, que ramo de Commercio não vai abrir a Portugal! O algodão, o café, as madeiras, as pedras preciosas do mais alto quilate, tudo

quanto he grande, e he rico, tudo se encontra naquella Paiz admiravel.

Se recôrdo as Campanhas d' Africa, eu me parece que vejo os valorosos, e Fidelissimos Portuguezes, cercados de Mouros, tomando a Praça de Diu, Mazagão, e outras aonde tantos serviços fizeram á Patria, e ao Estado, cobrindo-se de gloria, e desbaratando os malvados inimigos, que por todos os lados tentavão acommette-los, e faze-los escravos.

Se trago á idéa o feliz Reinado do Senhor Rei D. João IV., eu não posso dispensar-me de dizer, que hum Povo que praticou tão generosa, e patriótica acção he o mais fiel a seu Soberano de quantos habitão o globo terraqueo.

Hum Povo tão magnanimo, Vassallos tão fieis, que estando o Senhor D. João de Bragança na sua quinta de Villa-Viçosa, se armárão contra os usurpadores; e sacudindo o jugo a hum tempo em todo o Reino, foi aclamado Rei de Portugal por espontanea, e legitima vontade de seus Povos! Que maior prova de Fidelidade! O grande Ribeiro foi o primeiro que levantou a voz; e antes de duas horas passarem, funcionavão como d'antes os Tribunaes, e já em nome do Rei de Portugal o Senhor D. João IV.

Se todo o Povo geralmente não fosse dotado dos mesmos sentimentos, poderia deixar de haver hum tumulto? Tudo ficou pacificado, e a Nação respirou a sua independencia antiga.

O Reinado do Senhor Rei D. João V., e do Senhor D. José I., de saudosa memoria, não forão igualmente respeitadas com a mesma Fidelidade? Basta, eu não recordarei mais quanto a antiguidade, ou nossos antepassados presenciarão, eu quero concluir que á vista do que os Portuguezes tem praticado na presente revolução da Europa, elles são os Povos mais fieis da mesma Europa.

Querendo o nosso amavel, e magnanimo Principe sustentar a neutralidade da Nação Portugueza, tanto

para que o Commercio florescesse, como as artes, a industria, as sciencias, etc., e sendo a orgulhosa França incançavel em exigir extorsões pecuniarias a que só o estado não podia supprir sem o auxilio dos principaes Capitalistas destes Reinos, nós viamos que o seu ouro era prompto em toda a occasião, e que nem por isso deixavão de mais estreitar os votos de Fidelidade com o seu Principe, porque elles não ignoravão que o fim a que se dirigia era de manter a sua independencia.

Passemos em silencio algumas scenas, aonde os Portuguezes dêrão bem a conhecer a sua Fidelidade, e fallemos (para não fazermos mais volumoso o nosso folheto) só dos factos mais principaes, e convincentes, e que provão sem réplica o que eu affirmo.

Hum Exercito Francez foi destinado pelo General Bonaparte para invadir Portugal, com o pretexto ridiculo de o defender dos Inglezes, quando o seu fim só era roubar-lhe o precioso, e incorporallo na totalidade da França.

Principia nesta época a desenvolver-se a maior Fidelidade Portugueza. O nosso Monarca para impedir a invasão dos barbaros, figura querer fechar os portos á Grã-Bretanha; porém nada he bastante, a cubiça do inimigo não tem limites, e elle avança com rapidez.

A decisão de hum Principe virtuoso frustra os planos de Bonaparte.

Se eu recordo a triste época em que soubemos que o nosso Principe se apartava do seu Povo!... Mas que digo, feliz época que o salvou das garras da perfidia. Dia feliz, que appareceste no meio dos seculos! Tu ao mesmo tempo que salvas o Monarca Lusitano, desconcertas ao General Bonaparte seus planos dominadores. Vai-se o meu Principe, eu me parece que ainda estou ouvindo os Lusitanos: *Vai-se o nosso abrigo, o nosso Pai, o nosso Protector!* Que scena tão pathetica! o pranto corre, os ais, os clamores. Todos querem seguir o Principe Augusto, todos o querem defender. Mal que a ordem he intimada, ninguem busca mais que o

seu Príncipe, sem outro fim mais que o da Fidelidade!

Eu me parece vejo ainda as praias opprimidas com o peso dos Lusitanos, que saudosos mandavão entre suspiros seus fieis votos após o magnanimo Monarca Lusitano.

Sinto a alma transportada, e o pranto me suffoca ao volver os olhos sobre o quadro; porém eu admiro a Fidelidade geral que em todos observo.

Foi-se o nosso Pai, o nosso Príncipe, eu ouço dizer hum entre soluços, outro que de susto tem o coração abaffado, apenas ao Ceo volve os macilentos olhos, recostado sobre a mobilia, que pretendia embarcar. Tudo era confusão: de hum lado o inimigo acometia, de outro parecia que o Ceo olhava com horror semelhante attentado: a chuva, o vento furioso, os elementos em guerra parecião todos querer engulir a terra. Huns sentião não ter ido, outros choravão ter ficado; e finalmente tudo apresentava a mais medonha face.

Que admiração no meio de tão cruéis, e desusados acontecimentos, ver-se a Fidelidade Portugueza elevada ao maior grão!

Os que acompanhão S. A. sendo repentinamente avisados; que tormentos não havião passar na viagem, faltos de roupa, sem outro arranjo que aquelle unico que levavão consigo. Melindrosas Damas acostumadas sempre ao socego, irem entregar-se á furia das ondas, e dos ventos, só porque? Oh heroismo! Só por seguir o magnanimo Príncipe!... O mesmo Príncipe largar hum Throno!... Para felicidade de seus Povos!...

Na retirada de nosso Soberano nos deixa hum Supremo Conselho de Regencia, e nos manda obedecer-lhe em tudo. Pergunto eu; e que fizerão os Portuguezes? A' risca observarão aquelle sabio Decreto; porém logo que virão o inimigo chamar-se senhor do Reino, procurarão o modo huns de se embarcarem, outros de passarem a reunir-se aos Exercitos; e finalmente até á custa de grandes sommas se procuravão subtrahir ao inimigo em defeza da sua Patria.

Que se chama a isto senão Fidelidade? Não se expozérão muitos Portuguezes a serem mortos, fugindo para a Esquadra Inglesa, só por não servirem seus inimigos, ou por não verem a sua Patria entre ferros!

Não serão muito fieis os habitantes de Lisboa, que logo que virão arvorar a bandeira inimiga a quizerão rasgar, levantando-se?

O Algarve, o Porto, Evora, Béja, Leiria não serão fieis seus habitantes?

Póde deixar de se chamar fiel a hum Povo, que geralmente tem huma só vontade, que he amar, e defender o seu Principe, a sua Nação, e a sua independencia?

Os miseraveis, que arrastrados pelo despotismo hião sendo conduzidos para a França, ainda bem não lhe havia chegado a noticia que Portugal estava restaurado, quando elles retrocedendo, e fugindo ao inimigo, se vinhão reunir ao nosso Exercito, que senão Fidelidade nacional se chama a isto? Não haver na época da restauração quem se oppuzesse á opinião geral, e quererem todos que só o Senhor D. João, o nosso amabilissimo Principe fosse quem nos governasse, he huma das maiores provas da Fidelidade Portugueza.

O barbaro inimigo havia assollado o Paiz. Seu Exercito sempre em continuas marchas rapinava quanto encontrava. Huma contribuição enorme, o susto de que lhe fosse apanhado, embaraçava o Lavrador de deitar á terra o pão; finalmente incendiadas as Povoações, queimadas, saqueadas; assim mesmo a Fidelidade Portugueza cada dia augmenta.

Fieis ao seu Principe, á Patria, e ao proximo. Quantos vi eu tirar de metade da esmola que recebião, e remir outro, que era igualmente necessitado, que por pejo não se atrevia a pedir! Isto he mais que tudo!...

Quantas vezes vi eu correr o pranto do Cidadão honrado, por não ter com que remir o seu semelhante?

Oh! que prazer me dominava de ver que meus Nacionaes nutrião tão nobres sentimentos.

Depois da Nação estava estagnada por 9 mezes, sem rendas, sem lavoura, sem Commercio, logo que foi necessario braços, elles apparecêrão; logo que forão precisos generos, elles se offertarão.

O Cidadão largava a sua familia, e na fileira junto de outros disputava ao inimigo a posse de Portugal; os Povos de braços abertos tudo offertavão aos que se empregavão neste exercicio. A mulher, o rustico aldeão, todos, todos, cada hum como podia procurava concorrer para a felicidade geral, e para a geral independencia da sua Nação. Feliz o Principe, que commanda Povos tão fieis; e mais felizes os Povos, que são governados por hum Principe, que lhes sabe infundir tão honrados sentimentos.

Restaurado este Reino pelo grande adjutorio da nossa antiga Alliada a Grã-Bretanha, nós devisamos igualmente a Fidelidade em todos os Povos; elles prestarão logo juramento ao seu Soberano, já que o não podião ter presente, congratulavão-se em recordar as suas virtudes, e na lembrança que algum dia se cumprirá o que na sua retirada prometteo.

Quantos sem mais interesse que irem á America beijar-lhe a mão, e ter o gosto de lhe dar a noticia da Restauração do Reino, deixarão na Corte o seu arranjo.

Começada a guerra contra os inimigos, quantos centenares de Portuguezes que elles por força havião arrancado da sua Patria quantos vierão logo ligar-se ás suas Bandeiras, e jurar que só querião morrer pelo Principe de Portugal, e não pelo Tyranno da Europa?

Atacado o Porto por Soult, quantos Portuenses não emigrarão por entre as vigilantes guardas só para virem unir-se ao seu Exercito? Ainda que sem ordem, não se oppozerão a peito descoberto contra o inimigo, não lhe causarão muita mortandade, vendo mesmo que não tinham partido; que he isto senão hum decidido zêlo,

hum patriotismo singular, e huma Fidelidade á Coroa ; e seu Principe de huma ordem muito superior.

A ultima invasão do inimigo sirva de eu comprar meus argumentos, e de pôr termo ás minhas narrações, com effeito que parecem extensas, segundo o objecto.

Eu não posso deixar de dizer, que só por grande Fidelidade ao seu Principe, e obediencia extrema a hum General, se abandona, como a muitos ricos Provincianos aconteceu, huma casa ricamente adornada, muita prata, algum ouro; que se queima o que pôde ser prestavel ao inimigo; que se inutiliza o trigo lançando-o aos rios; que se arrazão pinhaes, olivedas, que se deitão abaixo, ou se incendeão para não lhe servirem de asilo, finalmente que tudo se estraga só para que hum inimigo cruel, e voraz não possa manter-se muitos dias entre hum Paiz virtuoso. He custoso o praticar tão acertada medida.

O pão, e tudo que he util, ver-se perdido, e queimar-se com prazer, para impedir ao inimigo os seus progressos, he o maior rasgo de heroismo, e de Fidelidade que os Portuguezes tem dado; e maior prova evidenciou-se na proxima invasão.

Feliz a Nação de hum tal caracter. As mais Nações a olharão com respeito: ella fará o prazer do seu Principe, e o mundo admirará a sua constancia.

A paz solida em que Portugal jazia, não dava motivo, ou proporcionava occasião para que o seu character existisse no mesmo pé que hoje existe.

A mesma energia que hoje a faz conhecer, existia nella então; porém não era necessario fazer della uso; hoje porém que se exige com todo o seu vigor, he mesmo quando a Nação Portugueza se deixa ver no meio da maior revolução dos nossos tempos; huma Nação magnanima, valorosa, e sobre tudo fiel aos seus Soberanos, e antigos Alliados.